



REFLEXÕES SOBRE A CRIANÇA E O BRINCAR NA CONTEMPORANEIDADE

Eloiza Alves Martins ¹

Ana Maria Alves de Oliveira ²

Evandro Salvador A. Oliveira (orientador) ³

RESUMO: Este trabalho, de abordagem qualitativa, traz reflexões sobre a brincadeira na infância, no sentido de pensar sobre a construção do brincar no contemporâneo, compreendido como um fenômeno da criança que tem sido permeado pelas relações com o outro. São de extrema importância as contribuições de estudiosos do campo da filosofia, psicologia e sociologia, referentes ao universo que envolve a criança, os jogos, as brincadeiras e a cultura infantil. No campo teórico, autores que trataram desses assuntos no século passado não podem deixar de ser mencionados e, por mérito, destacados pelos conhecimentos que produziram, tais como: Benjamin, Bruner, Froebel, Piaget e Vigotski. Contudo, as análises que aqui são feitas se voltam para os estudos mais recentes de Gilles Brougère (2002, 2010), sociólogo que tem se empenhado, ao longo dos últimos anos, a estudos sobre a cultura lúdica contemporânea, com base em uma perspectiva sociológica. Como o brincar é uma dinâmica essencial do ser humano, as crianças transformam o espaço em que brincam e constantemente atribuem significados às suas brincadeiras. Com Brougère, observamos que “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem” (2002, p. 20). É pertinente discutir a relação existente do jogo com uma cultura preexistente, pois a relevância dessa questão se dá pelo fato de Brougère afirmar que há, por conseguinte, estruturas preexistentes que definem a atividade lúdica em geral e cada brincadeira de modo específico. Além disso, a criança as apreende antes de utilizá-las em novos contextos, sozinha, em brincadeiras individuais ou com outras crianças. Nesse sentido, o intuito desse trabalho é romper com o mito de que o brincar das crianças surge do nada, a brincadeira não é algo natural. É o que diz Brougère (2010) ao afirmar que a criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos, evidentemente, estão impregnados por essa imersão inevitável. O autor enfatiza que não existe na criança uma brincadeira natural. Para ele, a brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto, de cultura, no qual a brincadeira pressupõe aprendizagem social. Aprende-se a brincar a medida que a criança estabelece relação com o outro. Na escola, enquanto educadoras de crianças, observamos que nas brincadeiras das crianças aparecem elementos advindos da cultura midiática, personagens e heróis, elas reproduzem modos de ser, com base em comportamentos do pai, mãe, irmão, etc.

Palavras-chave: Brincadeira. Cultura lúdica. Infância.

Eixo Temático: III Ciência Humanas e Sociais

¹ Professora da rede Estadual de Educação – SEDUC/MT, Mato Grosso. Graduada em Pedagogia pela UNOPAR – Campus Barra do Garças. Especialização em andamento em Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: alvesmartinseloiza@gmail.com.

² Professora da rede Estadual de Educação – SEDUC/MT; Graduada em Pedagogia pela UFMT. Especialista em Educação Infantil pela UFMT. E-mail: analuz_oliveira@hotmail.com

³ Coordenador do curso de Educação Física da UNIFIMES. Doutorando em Estudos da Criança – Uminho (Portugal). Doutorando em Educação pela Universidade de Uberaba. E-mail: evandro@fimes.edu.br